

COMO MULHERES COM CEGUEIRA PERCEBEM E MANIFESTAM A SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Laís Baptista Marim ¹

RESUMO

Essa pesquisa objetiva refletir como a mulher com cegueira manifesta e percebe a sexualidade e a educação sexual. Sabe-se que ao longo dos séculos houve inúmeras conquistas voltadas à mulher, porém há poucos estudos direcionados às mulheres com deficiência, principalmente atrelados à questão da sexualidade. Diante disso, é importante debater esse tema em ambientes escolares e não escolares, e a área da Educação é propícia para esse propósito. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais foram aplicadas a duas mulheres com cegueira residentes em São Paulo. Neste trabalho, por questões metodológicas, propõe-se observar a fala de uma delas. Para análise utilizaram-se os pressupostos de autores que questionam a “anormalidade” em relação as pessoas com deficiência, e associada a esse arcabouço teórico, apresentam-se os estudos enunciativo-discursivos, especificamente os que relacionam ideologia e linguagem. Como resultado, identificaram-se três eixos recorrentes: i) o preconceito social estereotipado; ii) a ausência de informações sobre educação sexual e iii) a limitação das práticas sexuais dessa mulher devido a conjuntura: estigma x ausência de informação. As conclusões parciais indicam que a mulher com cegueira tem pouca informação acerca da sexualidade, suas práticas e outros temas como gravidez e IST's

Palavras-chave: Sexualidade; Cegueira; Educação Sexual; Mulheres.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se a importância da educação para o desenvolvimento da autonomia humana, bem como, na quebra de estigmas e preconceitos. Contudo, algumas questões ainda carregam grande resistência quanto a discussões e aprofundamentos, seja nos espaços escolares ou não, uma delas é a sexualidade. Foucault (1998) justifica esse caráter histórico do tema, o qual, no passado, foi caracterizado por órgãos de poder, tal qual a igreja, como sórdido e passivo de recriminação. Contudo, esse estigma permanece até os dias atuais, a destacar os obstáculos, por exemplo, de discutirmos temáticas voltadas à sexualidade na escola.

A questão torna-se ainda mais crítica quanto alia-se a este tabu um outro, a deficiência. Se pouco se discute sobre a sexualidade em espaços públicos, menos ainda sobre a sexualidade da pessoa com deficiência. Como resultado, tem-se a perpetuação de estigmas recaídos sobre essas pessoas, bem como, a ausência de informações quanto a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), abusos, estupros e gravidezes, sendo as mulheres as mais afetadas.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, SP: laisbmarin@gmail.com;

Neste sentido, visando auxiliar nos campos de estudo quanto à sexualidade e à Educação Sexual, este estudo buscou identificar quais as percepções de mulheres com cegueira acerca de tais temas e como elas as manifestam. Por fins metodológicos, o presente trabalho apresentará os relatos de apenas uma das mulheres, Isabela (nome fictício visando preservar a identidade da entrevistada), de 42 anos, cega congênita. Para tanto, aplicou-se como metodologia a pesquisa qualitativa semiestruturada (Minayo, 1996; Haggette, 1987).

Para análise do conteúdo das entrevistas, os preceitos da história da sexualidade de Foucault (1998) e sexualidade e deficiência de Maia e Ribeiro (2010) foram utilizados. Associado a esse arcabouço teórico, propõe-se compreender os discursos das mulheres com cegueira a partir dos conceitos de linguagem e ideologia, precedidos por Bakhtin (VOLOCHINOV, 2006).

2. METODOLOGIA

Como metodologia para o presente estudo foi utilizada a pesquisa qualitativa por meio da entrevista semiestruturada, apoiando-se nos pressupostos de Minayo (1992) e Haguette (1987).

Tal método pode ser conceitualizado como um processo social entre duas pessoas, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Essas informações são coletadas a partir de um roteiro de entrevista (perguntas pré-elaboradas) que deverá guiar o desenvolvimento da prática.

Mediante a tais conceitos, o presente projeto foi dividido e executado em cinco etapas: i) escolha das participantes; ii) elaboração das perguntas para a entrevista; iii) entrevista semiestruturada; iv) escuta e levantamento das frentes de análise; v) análise.

3. DESENVOLVIMENTO

Para fins de desenvolvimento, o presente trabalho buscou identificar, por meio da análise de entrevistas qualitativas semiestruturadas, como as mulheres com cegueira percebem a sexualidade e a educação sexual e de que forma manifestam essas questões. Para tanto, primeiro procedeu-se aos estudos sobre sexualidade, principalmente, os que refletem sobre sua história (FOUCAULT, 1998); já quanto a sexualidade e deficiência, os autores escolhidos para embasamento foram Maia e Ribeiro (2010). Pensando na discussão dos dados obtidos nas entrevistas, buscou-se respaldo nos estudos enunciativo-discursivos de Bakhtin

(VOLOCHINOV, 2006). Isto porque o autor russo propõe hipótese de que um enunciado pode entrar em contato com outros enunciados e constituir-se como um elo discursivo.

Assim, entende-se que o aporte investigativo permitirá depreender os sentidos manifestos nas falas das mulheres e relacioná-los aos discursos sobre a cegueira e a sexualidade.

Alerta-se para o fato de que esse trabalho está em construção e não foram, ainda, feitas todas as entrevistas e compilados a totalidade de dados. A seguir, a proposta é apresentar, brevemente, os pressupostos teóricos que sustentam a discussão dos dados.

3.1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Michel Foucault (1998) remonta em à “História da Sexualidade” que a sexualidade tornou-se uma interdição por volta do século XIX, visto os preceitos vitorianos relacionados à religião e aos “bons costumes” sociais. É então que a prática sexual e os assuntos dela decorrentes tornam-se reclusos, assuntos pessoais que deveriam ser restritos a quatro paredes, ao segredo, e, se cometida alguma transgressão, passivos do perdão divino:

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer — sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditi-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado (FOUCAULT, 1998. p. 9).

Assim, silenciada socialmente por décadas, a sexualidade transformou-se em um tabu, ou seja, assunto passivo de restrição, proibição: pouco fala-se ou discute-se acerca desse tema em espaços públicos, escolas, ambientes familiares, dentre outros. Contudo, a questão torna-se ainda mais crítica quando relacionada à deficiência, outro tema interdito. Prova disso é a ausência, quando não nulidade, de discussões, estudos e investimentos quanto a sexualidade da pessoa com deficiência.

Maia e Ribeiro (2010) apontam que apesar de ser uma característica que perpassa qualquer indivíduo ao decorrer da vida, a sexualidade, atrelada à pessoa com deficiência, desencadeia uma série de preconceitos, fato que é ainda mais alimentado pela ausência de discussões sobre tais temáticas. Primeiramente, a deficiência evoca os padrões sociais quanto às práticas sexuais e aos corpos “aptos” e “atrativos” para tal (saudáveis, musculosos, bonitos, dentre outros):

A partir de regras nem sempre explícitas e claras, estabelecidas pela sociedade em diferentes culturas, as pessoas aprendem o que seria o desejável em relação à maneira que devem se comportar socialmente. Isso também ocorre em relação à sexualidade humana o que, além de colocar certas atitudes, sentimentos e ações no campo da

normalidade em contraste com outros comportamentos considerados não-normais, ainda vinculam essa normalidade à promessa de felicidade idealizada (MAIA, RIBEIRO. 2010, p. 161).

Assim, explicam-se os estigmas quanto a esses sujeitos e sua sexualidade, que é comumente anulada. Porém, ao anular-se a sexualidade da pessoa com deficiência, impossibilita-se, por exemplo, o acesso à informação, quanto às práticas sexuais, gravidezes, e ainda, sobre as IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis).

Como resultado, essa escassez de informação torna-os, a destacar as mulheres, mais suscetíveis a abusos, gravidezes indesejadas, infecções sexualmente transmissíveis, entre outros, sendo uma problemática de responsabilidade, além de tudo, de saúde pública. Portanto, é de suma importância e urgência o aprofundamento e discussão de tais questões em ambientes e espaços educacionais, visto que a educação e o conhecimento são caminhos fundamentais para combater-se tais estigmas.

Por fim, visando analisar os discursos das mulheres entrevistadas, utilizar-se-á como instrumento os conceitos de ideologia e linguagem de Bakhtin (VOLOCHINOV, 2006), a começar pelo conceito de signo.

Para o autor, signo é um objeto ou instrumento ao qual é atribuído um valor social, um significado. Neste sentido, todo signo é resultado da configuração social de determinado grupo ou época, dos valores e crenças cabíveis a eles, e ainda, é capaz de representar as mudanças sociais que estão acontecendo ou por vir.

Por sua vez, o que permite a construção ideológica dos signos e seus significados é a comunicação, mais especificamente, a linguagem. Aliás, o autor reforça que toda interação social só é possível através da linguagem, sendo uma das mais importantes ferramentas da humanidade:

Mas esse espaço semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 2006. p. 34).

Tal conceitualização contribui para que se entenda o porquê de determinados preconceitos serem popularmente compartilhados, os quais, são perpassados pelos grupos sociais através da linguagem. Assim, se um tema classifica de forma pejorativa a deficiência, os demais pertencentes a esse conjunto construirão os mesmos conceitos acerca da pessoa com

deficiência. O estigma só é quebrado quando um outro tema, ou grupo, lhe apresenta conceitos contrários, permitindo assim uma reflexão crítica do indivíduo e, quem sabe, mudança.

3.2. ENTREVISTADA E ENTREVISTA

Com apoio de pessoas conhecidas e das redes sociais (*Facebook* e *Instagram*), buscaram-se mulheres com cegueira que se interessassem em participar da elaboração deste projeto. Os critérios iniciais para a participação foi a faixa etária (maioridade), residência no Estado de São Paulo e a conclusão ou o ingresso no Ensino Superior. Tais tópicos pautaram-se na acessibilidade para a realização das entrevistas e no esclarecimento quanto à importância do projeto.

Por uma questão metodológica, para este trabalho propôs-se analisar os discursos de apenas uma das entrevistadas, Isabela (nome fictício). Após explicar a respeito do trabalho e realizar o convite, teve-se o aceite da entrevistada de 42 anos, cega congênita, formada em Pedagogia e com doutorado em Educação Especial, professora infantil de Educação Especial e residente no interior de São Paulo.

Para a etapa de entrevistas, foram elaboradas dez perguntas semiestruturadas, buscando guiar o diálogo e atingir a proposição desse estudo. Ademais, após o término das perguntas pré-elaboradas, foi permitido a entrevistada falar ou comentar qualquer coisa a respeito dos temas abordados.

Isabela escolheu o local da entrevista para que assim se sentisse mais à vontade e segura, optando pela residência da entrevistadora. O encontro aconteceu em 29 de maio de 2019. A entrevistada teve tempo livre para as respostas, as quais foram gravadas com auxílio de um *smartphone*

Abaixo, seguem as perguntas usadas na entrevista:

1. Fale um pouco sobre sua formação, suas relações familiares e profissionais;
2. O que seu corpo representa para você?
3. O que você entende por sexualidade?
4. Na sua opinião, qual é a importância do sexo na vida das pessoas? E na sua?
5. Como você identificou as questões que se relacionam ao ser masculino e as ao ser feminino?
6. E com relação aos relacionamentos de pessoas com deficiências: há preconceito social? (Se sim: Como você percebe tais preconceitos?);
7. Em relação aos relacionamentos, você tem planos para o futuro?

8. Como você entende a educação sexual?
9. Como essa educação se deu na escola e na sua família?
10. Quais as informações você gostaria de ter a respeito da educação sexual?

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das questões norteadoras que guiaram a entrevista com Isabela, a qual durou cerca de duas horas, pode-se identificar a recorrência de três eixos temáticos principais: i) o preconceito social, ii) a escassez da educação sexual para pessoas com deficiência e iii) a limitação sofrida pela sujeito devido a essa conjuntura (preconceito x ausência de informação).

A começar, ao perguntar sobre “o que seu corpo significa para você” (questão 1), a entrevistada transcorreu sobre a representação pessoal deste como um “templo”, mas que no passado já se achou feia devido às avaliações de seus colegas de classe:

“Eu já me achei feia, hoje eu não me acho mais. Eu me achei muito feia quando criança porque ninguém me paquerava, eu paquerava os meninos e eles nem “tchun” pra mim, aí teve um na sétima série que falou pra mim: eu só não namoro você porque você é cega [...] Eu chorei muito, fui chorando para casa, até porque eu gostava muito dele” (Isabela)

Bakhtin (VOLOCHINOV, 2006) apresenta em seus estudos que, a partir dos discursos é possível identificar as ideologias presentes em determinada época ou tema (grupo social) “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (Bakhtin, 2006. p. 29). Neste sentido, o discurso de Isabela remonta os preconceitos vivenciados por essas pessoas por conta de suas deficiências, a destacar pelo trecho “só não namoro você porque você é cega”. Ou seja, se a entrevistada fosse vidente, esse impedimento por parte do garoto talvez não acontecesse.

Outro preconceito identificado é o estigma que recai sobre a pessoa com deficiência ser assexuada, ou seja, não ser capaz de relacionar-se afetivamente e / ou sexualmente com outras pessoas:

“A sexualidade pra pessoa com deficiência é complicada porque você não enxerga, você não vê vídeo pornô, então você não se masturba porque não sabe nem o que é isso. Eu me lembro até hoje, quando eu estava na sétima série eu perguntei “o que é masturbação?”, aí minha amiga falou “aí, é um negócio que a gente faz com a boca”. Quer dizer, ela não me contou o que era, porque como eu era cega, ela achou que né ... o cego é assexuado, o cego não tem sexualidade. Tem muitas pessoas que pensam assim, não só do cego, mas da pessoa com deficiência” (Isabela).

Maia e Ribeiro (2010) justificam esse preconceito “cego é assexuado, o cego não tem sexualidade” (Isabela) mediante aos ideais sociais de sexualidade comumente compartilhados, os quais, estão associados a corpos saudáveis e bonitos. Sendo assim, a deficiência fere esses

valores “essas ideias são baseadas em estereótipos sobre o deficiente mantidos por crenças errôneas que o colocam como alguém incapaz e limitado” (MAIA & RIBEIRO, 2010, p. 160).

Isabela também transcorre, em diversos momentos, sobre a ausência durante sua vida de informações quanto à sexualidade, conforme exposto no trecho anterior quando pergunta a sua amiga sobre masturbação. Ela relembra as dúvidas e curiosidades tidas durante sua juventude, pois, nesse período, segundo ela, não tinha recursos (livros, materiais, internet, outros) para sanar ou a quem perguntar sobre seus dilemas. Apesar de relatar sobre seu bom relacionamento com o pai, pessoa a qual direcionava tais questionamentos na maioria das vezes, nem sempre ele estava apto ou confortável para esclarecimentos sobre a temática, os quais permaneciam sem respostas:

“Quando eu era criança, eu perguntei pro meu pai como que nascia o bebê, ai ele me disse que o bebê nascia de uma sementinha, bom ... eu lembro que naquela época eu gostava muito de semente de abóbora com sal. Ai eu peguei uma semente de abóbora e disse: “então toma, eu quero um irmão! Planta na mãe essa sementinha pra nascer um irmão pra mim”. Ele (pai) não disse nada, e essa história ficou por muitos e muitos anos na minha cabeça, e todo mundo tirando sarro da sementinha que não nascia” (Isabela).

Foucault (1998) justifica o desconforto em dialogar-se a respeito do sexo a partir das restrições históricas inseridas por órgãos de poder como a igreja e / ou o Estado. Durante a história, passou-se a acreditar que tal assunto é sórdido e deve ser ocultado, contudo, como resultado, têm-se a ignorância, condição propícia para manifestação de qualquer preconceito.

A escola aparece no discurso da entrevistada como outro lugar ausente de informação acerca da sexualidade:

“A educação sexual na escola nunca existiu. Eu comecei a ler um livro chamado “Nossa vida sexual”, ai começou a falar sobre o cheiro do esperma, só que eu nem sabia o que era, mas minha mãe logo tirou o livro da minha mão, ai parei de ler. Ai eu fui aprendendo ouvindo uma coisa aqui, outra ali [...]” (Isabela).

Retomam-se, novamente, as discussões da importância do papel da escola quanto aos saberes dos indivíduos, bem como na desconstrução de preconceitos. Quando abrimos espaço dentro dos ambientes escolares – e não escolares também, como centros culturais, praças, teatros, dentre outros - para discutirmos questões quanto à sexualidade, estamos preparando os jovens para lidarem com tópicos voltados a abusos, assédios, prevenção de IST's e gravidezes indesejadas, e tantos outros temas relacionados a complexidade da questão.

Para tantos jovens, assim como Isabela, que tem na escola (ou poderiam ter) muitas vezes a única fonte de informação e esclarecimento sobre questões como essas, abrir espaço para dialogar a sexualidade, talvez, irá prepará-los para evitarem, identificarem e denunciarem

questões relacionadas a essas temáticas. Trata-se, sobretudo, de arcar com a responsabilidade social e de saúde pública da escola e do Estado.

Em um dos momentos da entrevista Isabela menciona essa questão, que gostaria de ter tido desde criança Educação Sexual, bem como acesso a materiais sobre o tema adaptados aos cegos:

“Eu gostaria de saber desde criança como é a educação sexual, que existe a vagina, que quando cresce o que você faz com homem ... um livro que existisse para cego que esclarecesse tudo mesmo sabe, bem as claras, o que faz e como faz, para que a gente pudesse entender melhor, para que cego pudesse entender melhor a parte da sexualidade” (Isabela).

Por fim, outra questão recorrente no discurso da entrevistada é como a ausência de informação, ou Educação Sexual, interferiu em suas experiências quanto a sexualidade. Isabela menciona o medo recorrente que tinha quanto as práticas, primeiramente por não enxergar, e ainda por não as saber ou não ter conhecimento sobre o que aconteceria ou o que poderia acontecer:

“No meu relacionamento eu falava muito sobre sexo, mas eu só falava porque fazer que era bom não tinha, eu mais falava, gostava bastante de beijar, agora quando chegava na parte de sexo ... eu sempre fui muito medrosa, eu não sabia como era, como não era, o que ia acontecer, como ia ser [...] talvez seja pela falta de informação, mas principalmente pela falta de visão” (Isabela).

Nota-se, a partir de relatos de mulheres como Isabela, a importância do acesso à informação e a educação, principalmente quanto a tabus, tais quais as questões envolvidas a sexualidade, na produção da autonomia dessas mulheres sobre suas decisões e experiências, limitadas, sobretudo, por preconceitos.

5. CONCLUSÃO

Nesse trabalho, propôs-se refletir como mulheres com cegueira manifestam e percebem a sexualidade e a educação sexual. Para tanto, foram empregados os estudos de Maia & Ribeiro e Foucault sobre a sexualidade e os discursos enunciativo-discursivo de Bakhtin. Esse constructo-teórico permitiu verificar como os discursos dessas mulheres podem ser relacionados às questões que envolvem, por exemplo, a orientação sexual da família e da escola e os estigmas sociais em relação à cegueira.

A partir dos resultados parciais do presente estudo, pode-se identificar, primordialmente, os impactos que a ausência de conhecimento ocasiona nas vivências humanas, seja na elaboração e manutenção de estigmas e preconceitos, seja quanto a autonomia dos sujeitos.

Os discursos de Isabela alinham-se às discussões acerca da importância de se dialogar sobre questões complexas, como a sexualidade, em espaços escolares e não escolares. A entrevistada, tachada por diversas vezes como “assexuada”, portanto, dispensável de esclarecimentos quanto a sexualidade, foi vetada do acesso a conhecimentos sobre o tema por diversas vezes.

Como consequência, sentiu-se amedrontada em situações íntimas de sua vida, bem como, foi vetada do conhecimento sobre questões biológicas essenciais, tal qual a reprodução humana, e ainda, a masturbação.

Ademais, os relatos permitem a reflexão acerca da vulnerabilidade dessas sujeitas, que em situação de ignorância, enfrentam maiores riscos quanto a abusos, infecções e gravidezes indesejadas.

A ausência de materiais específicos sobre sexualidade para cegos(as) foi outro ponto identificado a partir dos discursos da entrevistada, que, cheia de dúvidas e curiosidades, não encontrou qualquer material que lhe auxiliasse quanto a essas questões. Para tanto, nota-se a necessidade de aprofundamentos e produções quanto a intersecção sexualidade x cegueira.

Por fim, conclui-se que dialogar acerca das questões voltadas à sexualidade e à Educação Sexual das mulheres com deficiência, a destacar as mulheres com cegueira, é urgente e carece de maior atenção e aprofundamento nos diversos espaços, escolares e não escolares.

REFERÊNCIAS.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV), **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Editora Hucitec, 3ª Edição. 2006.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. Rio de Janeiro, Edições Graal. 13ª Edição. 1998.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências**. Revista Brasileira de Educação Especial. Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial - ABPEE, v. 16, n. 2, p. 159-176, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.